

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

**ROCHA MARTINS**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

## Ao que se chama o exercito da republica

Uma apreciação do exercito moderno — A verdadeira situação do soldado — O aumento da indisciplina — Falso criterio dum jornalista — A logica e a lantasia

Deslumbrado e apoteotico, um jornalista ao ver desfilar, após uma parada, algumas tropas, fardadas à moderna, expeliu:

*«Se não tem, como dantes, o espavento e o colorido das jardas, tem uma mais intima compreensão dos seus deveres e da alta missão que é chamado a desempenhar, e daí a disciplina a que livremente se sujeita e a boa ordem e a irrepreensivel limpeza com que se apresentou na festa de ontem.»*

Naturalmente, o articulista esperava ver numa cerimonia militar um batuque e como assistisse a um desfile, mais ou menos alinhado, começou a surpreender-se e a deduzir.

Ha pessoas que em materia de deduções chegam sempre ao criterio contrario do que desejam exprimir e foi assim com Abel Botelho, o qual tendo feito um relatorio todo favoravel à bandeira azul e branca, acabou por se manifestar a favor da encarnada e verde.

Com este deductivo de agora deu-se caso identico porque, para demais se lançou ainda nas regiões da fantasia desmentidas pela realidade. Só porque alguns soldaditos não levavam fundilhos nas calças e acertavam o passo chegou à conclusão de que compreendiam «a alta missão» que exercem e «daí a disciplina a que livremente se sujeitam.»

Maneira singular de apreciar exercitos. Imagina — o deslumbrado — que o soldado — cidadão é o melhor militar como se fosse possivel ligar disciplina com direitos de voto; pretende impôr-nos um amor do tarata

à sua farda, só porque estamos em república. Lá o expele, no seu ardorlouvaminheiro, quando melhor teria empregado o espaço numa boa carga na moagem pois sem pão decente não ha materia prima de tropa.

*«Isso traduzia a attitude dos soldados que ontem vimos, muito longe da inconsciencia antiga, antes lendo-se-lhes no olhar um grande orgulho pela farda que vestiam e a vaidade legitima de pertencerem a uma corporação que acabava de receber uma nova consagração da sua heroidade e nobreza de alma.»*

Farfalhudamente, em larga copia de logares comuns, jacobinote e fero, apresenta um esbogalhamento de olhos de sopeira ao ver passar os regimentos, inspira-se no ardor da paixão da sua república amada, exactamente como ante o primeiro passeio militar da guarda, após a proclamação da república, um extatico carbonario bradava:

— Carambinha. Até marcham melhor!

— O' homem—volveu o outro que encarava os soldados com o bom senso de quem não se entusiasma—pois não vês que são os mesmo pintados de verde?

Infelizmente com os soldados que o jornalista viu não se dá o mesmo. Longe, imensamente longe, estão de ser o que ele imaginou em seu delirio.

O exercito, ou tem que obedecer ás velhas praxes ou é um aglomerado de individuos vestidos da mesma maneira. Um soldado não pensa, marcha ou pára conforme o seu chefe lhe ordena. Reflectir, num soldado, é já desobedecer, e em Portugal—o periodista perdeu-se em divagações—mal se chega à idade de sentar praça começa-se a pensar e a tremer. Nenhum homem do povo ama a farda. Chega-se a cortar os dedos para não se poder disparar a espingarda. Servir na tropa é deixar o seu mister, a sua casa e o português é saudoso. E' certo que, entrado na fileira, dirigido por bons officiais, ele tem um singularissimo espirito de sacrificio e é duma indomavel valentia, porem, mal apanhava a baixa, corria, sem olhar para traz, furioso com o tempo do alistamento que dá por perdido. Hoje difficilmente se consegue aquella unidade antiga. Por consequencia, os esquadrões, companhias e baterias que passaram nas avenidas não eram o que o jornalista imaginou rejubilante por andarem «longe da inconsciencia antiga.»

Do que eles andam longe—e por culpa dos republicanos—é da obediencia antiga. Alguns exemplos bastam. Ha tempo, um regimento inteiro, o 2 de infantaria, debaixo de forma e armado, vindo das Necessidades para o quartel das Janelas Verdes, num dia de agitação, ouviu a voz do seu coronel ordenar-lhe: Erquerda rodar! De repente, o sargento ajudante gritou: Direita rodar! E os soldados, com officiais e tudo, excepto o coronel, seguiram à vontade do subalterno.

Os assassinios de officiais e sargentos teem sido frequentissimos e sem falar nas mortes de Carlos da Maia, Freitas da Silva, Machado Santos, Botelho de Vasconcelos, Bahr Ferreira e Gomes da Silva, por seus subordinados, é bom lembrar os fins violentos dados por soldados a cabos e a sargentos até em quarteis da guarda republicana, considerada tropa da *élite*, e donde saíram cornetas e praças, e graduados para a matança do 19 de outubro.

Se é a isto que o jornalista chama disciplina, está, na realidade, em boa razão; porêem, considerando eu tais actos a contraposição do espirito militar, não posso entusiasmar-me ante a perda do que o delirante chama «a inconsciencia antiga».

Para definir o que actualmemente se passa na tropa, basta uma frase vinda dum simples marujo diante dum conselho de guerra:

— «*Nós estamos socegados mas veem os officiais e provocam a indisciplina e depois queixam-se que a gente entre a pensar . . .*»

Aqui teem na sua alta impressão, no seu recente, o que é esse militar livre da «inconsciencia antiga.»

Outrora, um simples sargento jamais falava com o seu subordinado senão em serviço e tendo-o na sua frente, perfilado; agora não é difficil encontrar um official a conspirar nas casernas, a fazer favores, a fechar os olhos a faltas graves para «ter os seus soldados na mão.» E' assim que se chama, em gíria de tropa a esta subserviencia do superior para com o inferior, para com aqueles que lhes entregam para servir a nação e de que fazem os elementos das suas ambições. Ha uma inversão dos principios no exercito, existe só aquillo a que um illustre official, republicano de sempre, chama: «*o soviet do nosso sargento*», à *choça do nosso cabo.*»

E' assim mesmo, desde que os almirantes se escondem diante das balas e os coroneis, como succedeu ao bravo Ferreira Gil, são alvos das espingardas dos seus soldados.

O que o jornalista viu marchar não era um exercito, na sua grande expressão de obediencia, mas um aglomerado de homens mais ou menos alinhado, que só espera o momento propicio para se desalinhar de vez.

## Lord Beresford - Gomes

O homem do barco Inglês — As honras e os insultos — Como os republicanos trataram a Inglaterra — Como a republica a serviu — O novo presidente

Desmente-se que o novo presidente da republica tenha exigido automoveis de luxo, Rolls-Royce de preço; afirma-se que não haverá mudança de protocolo em Belem; parece que se baniu a idéa dos batedores à frente da carruagem do grande negociante algarvio que entrevejo por pouco tempo no logar.

Casimir Perier tambem era assim ajanotado e enriquecido, atirou ao Paris revolucionario uma pompa de czar que assustou a democracia a qual sentiu a gargalhada dos cidadãos a injuriá-la. Como se sabe, foi alçado ao poder em Junho de 1894 e pediu a demissão em Janeiro de 1895. Uns pobres sete meses de galhofa, de escoltas de dragões e dum *ecuyer* barrado d'oiro, à frente dum *landau*. Volveu ao seu trafico o presidente, que se não tivera avós em Waterloo, com duvidas da historia ou sem elas, contava alguns de autentico valor politico.

Apressadamente, pois, o órgão official do senhor Teixeira Gomes veiu declarar falsas aquelas compras e aquelas reviravoltas da etiqueta republicana. Houve, porem, uma cousa que não desmentiu: a vinda do novo chefe do estado, do partido democratico, a bôrdo dum navio inglês. A calada sobre o assunto parece indicar ter-se como honra sem igual semelhante deliberação — se é verdadeira — do governo britanico.

Procurando bem no passado encontramos dois principes que largaram de Inglaterra para ocuparem o trono portugês, D. Miguel e D. Luiz.

O filho de D. João VI partira de Viena e recebera um grande acolho em Londres. Quando lhe ofereceram um barco britanico, o *Windsor Castle*, para regressar a Portugal, ele lembrando-se, talvez, da interferencia dos britanicos nos negocios do seu país, recusou e esperou que lhe mandassem a *Perola*. Solicitava, mesmo por escrito, esse navio. Era o logar tenente do imperador reconhecido, do irmão; era o noivo da sobrinha tratada de rainha pela aliada, e não aceitou desembarcar na sua terra de bordo duma nau estrangeira.

Teria o ar de que vinha ocupar um posto nalguma feitoria britanica, uma perfeitura ou uma vice-realeza por conta do maior inimigo de Por-

tugal, sob a sua capa tartufica de aliado, que começou por cortar a língua ás vacas vivas, por esse Alentejo, no tempo de Fernando, o Formoso, e acabou por dar á lingua, em nosso nome, por essa Europa.

D. Luiz estava em Londres quando chegou a noticia da gravidade da doença de seus irmãos. Ia ser rei; o governo inglês deixou-o partir no *Bartolomeu Dias*.

Aquela «perfida Albion» — como lhe chãrou a geração do *ultimatum*, a que governa hoje em nome da republica, ainda não merecera aos bandos revolucionarios as estrofes sanguinolentas; ainda não se lançara sobre os Braganças as culpas de semelhante ligação, e, todavia, os portugueses que iam reinar não partiam de Sthoutampton a bordo dos navios de Jonh Bull. Tinham decôro; ideia da independencia. Não se rebaixavam a ponto de oferecer soldados que ela repelisse, nem tampouco usavam um hino nacional musicado por Keil, um alemão, contra a Inglaterra. Outra cousa não é esse cantico que os ingleses não deixam tocar a bordo dos seus barcos nem á sombra da sua bandeira como não inscrevem entre os seus dias de salvas á terra o 31 de Janeiro, decretado, pela republica, de gala, mas considerado por eles como de ataque á Cira Bretanha.

Singularmente acolhemos, pois, a idéa da viagem dum chefe de estado — embora o seja apenas dum partido — a tomar o seu encargo do alto da tolda dum cruzador da Albion insultada com o hino — a *Portuguêsa* — tocada na hora da sua entrada nas funções a que os subditos do senhor Afonso Costa o alçaram.

E' certo que a republica — a obra dos revoltados contra essa nação considerada aliada e amiga só dos Braganças e não do povo — nasceu dum acôrdo com os ministros ingleses. E' verdade que lhe pagou, depois, generosamente dando-lhe em sangue de soldados o que ela nos fornecia em *corne beef* e desdens; todavia isto não autorisa a que nos olhem, no mundo, como uma intendencia duma colonia, a Australia, o Canadá ou a India ás quais se domina criando-lhes honrarias.

Em 1909, uma missão portugûesa e republicana, foi a Londres, a solicitar do *Foreing Office* licença para proclamar a republica. Introduzia-a nos meios officiais britânicos, um homem, que morreu, depois, de fome, em Lisboa, chamado Oscar de Araujo e ao qual os vencedores pagaram com o desprezo. Voltaram os comissionados com a certeza de que tudo poderiam intentar e, nessa hora, a «perfida Albion» a «bebada impudente» passou a ser sua aliada, mais que do Bragança.

E' que convinha a seus interesses a desorganisação do velho Portugal explorado; pensava já, de acôrdo com a Alemanha, em dividir as nossas colonias, sentia mais enfraquecida, com a mudança de regimen, a nação que sempre lhe servira para a piratear. Cedera; os republicanos rejubilaram e, daí por diante, os ministros e os altos procêres da repu-

blica andaram por lá de rastros. Londres — a maravilhosa — como lhe chamou quem vai amanhã ser presidente da republica portugueza, tornou-se a Méca onde toda essa turba escrava ia ajoelhar e vender-nos. Daí não ser de extranhar que nos inflinjam mais esse vexame de mandarem, num dos seus barcos, o chefe do estado portuguez, pelo consenso duma maioria criminosa de parlamentares, a tomar a sua posse como se viésse sob a égide do poder britanico.

Ha quem queira vêr em semelhante exhibição — na qual não acredito — uma admiração dos ingleses, uma nova politica para comnosco. Só vêjo humilhação no caso; e, entre as palmas, os vivas, as continencias, os rastejamentos, eu, cidadão portuguez — que sempre me considere livre e sempre vi na *Portuguesa* um hino feito por um alemão contra a Inglaterra — elevarei a minha voz por cima de todos os aplausos, escreverei neste panfleto o meu sentir, apenas com a saudação devida a quem, numa tolda britanica, á sombra duma bandeira inglêsa, entra em Portugal para ocupar a chefia da nação:

— Bom dia, senhor Beresford! . . .

E, lisongeado, o presidente, responderá:

— *Good by!*

## O chorrilho dos "Azes"

O estado da republica — O que era o sentimento da revolta — Os adhesivos triunfantes — O simbolo do regimen — Os novos trunfes

Anuncia-se o regresso á politica de alguns republicanos de nomeada.

E' o que se pode chamar: o chorrilho dos azes.

O senhor doutor Antonio José de Almeida decidiu-se, porque ha muito que fazer, segundo a frase de sua excellencia; o senhor João Chagas deliberou dar esse passo para encarrear a republica na sua verdadeira vereda, e o senhor Afonso Costa prometeu que viria ao parlamento. Os homens da propaganda, da Carbonaria, do comicio e do panfleto, da aura popular, os adversarios da monarchia, que a rua adorava, voltam.

Porquê? Um já chegou ao maximo, dentro do seu sistema, o outro já satisfizes a sua aspiração de infancia, ser ministro em Pariz e ir ao Eliseu com a Legião de Honra no peito da casaca; o terceiro obteve tudo quanto ambicionava: calcar uma nação e enriquecer.

Sendo tres temperamentos diferentes, eles veem para o taboleiro da politica crentes na sua influencia, no seu poder, na sua sugestão, arrependidos, talvez, de velhos processos, frases e erros, gastos no contacto do poder, porque sentem a republica a desabar.

E' assim mesmo: a republica a desabar.

Imagino mesmo que nunca houve republica em Portugal.

Depois dum tiroteio violento succedeu um governo reaccionario, feroz, inimigo da liberdade, que a republica tem como base, contraria á fraternidade e tão adversa á egualdade que para mostrar onde estavam os seus adeptos os encheu de condecorações. Chamou-se republica a este sistema em que se perseguia a religião, os idealistas, os dignos, se transtornava a vida nacional, se caía na plutocracia, andando os governantes de braço dado com os homens de negocio. Na bandeira republicana a esfera armilar lembra as engrenagens da moagem; as chagas os cancros do regimen, os castelos, as fortalezas onde os novos ricos se metem com quem os enriqueceu.

Republicanos de principios, sonhadores, bem intencionados teem quasi todos, sobre eles, depois de espancados, insultados e feridos, as lousas dos sepulcros: Bruno, Machado Santos, Maia, Basilio Teles. Dos vivos resta meia duzia de crentes. O resto, o grande nucleo, é uma tribu sem fé que empunha um talher. A republica, servida pelos monarchicos de terceira ordem, da qual fez os seus altos dignitarios, os seus embaixadores, os seus chefes de exercitos, é uma batota extravagante. Dá-se no regimen este caso fantástico: as mulheres dos mais grados próceres serem monarchicas; os filhos seguirem-lhes os exemplos. Já houve, em Belem, um presidente — o senhor Canto e Castro — desdenhado pela familia. Quando Paiva Couceiro proclamou a monarchia, no norte, nem um

só dos *republicanos* deixou de ir receber o ordenado. A fé republicana destes bipedes de bom estomago é igual á sua fé monarchica. Concebe-se acaso, que não haja mais ninguem para dirigir um país, onde se assassina gente nas ruas, porque não concorda com o sistema governativo, além dos antigos lambuzadores das plantas reaes? Oh! que singular republica de Fontouras, dos Navarros, dos Cerveiras, dos Norton, dos Catanhos, dos Durões, dos Lima Bastos, dos Hipolitos, dos Pedroso de Lima, dos sapateiros da Casa Real tornados altos funcionarios, dos jacarés da tropa feitos pavões de quartel, mudadas as fauces em galas de fisionomia? Estamos numa pseudo-republica de negociatas em que entra toda essa turba que hontem babujava as alcatifas do trono e hoje se arrasta diante da sua soberana. E que rua?! Uma malta sem ideais, exacerbada, ansiosa de dar nas vistas, para que lhe deem o empregosito ou a negociata; rua anti-catolica de sacristães, de alfaiates dos jesuitas, de homens do pendão dos Passos da Graça, rua jacobina de lacaios dos paços reaes, de fornecedores de denuncias, de malcatrefes ignorantes que nem sabem assinar seus nomes e são segundos officiaes de ministerios. A republica, onde antigos conspiradores dão leis, onde antigos seminaristas clamam heresias e onde antigos sargentolas são coroneis, é um quadro do culto do infimo e do réles, uma estalagem armada em albergue de quadrilhas.

Porque assim succedeu, é que os republicanos de ideias se afastaram, cederam o logar aos que queriam comedorias. Ouvia-se, logo de entrada, «um ruído de mastigação»; uma bulha de pratos. Veiu o exemplo de cima. O senhor Afonso Costa empregou a familia: o irmão monarchico; o cunhado, os amigos, os adherentes, e encheu-se, meteu-se num escritorio de advogado, tendo feito com os seus famulos, em bons logares judiciais, o monopolio da justiça.

Ganhou todas as causas. Os tribunales foram seu feudo; ganhou farta clientela, que lhe pagava o que exigia. Era um balcão o seu escritorio. Distribuia pingueamente os favores. Esse homem, num regimen de moralidade, já teria sido julgado por tudo isto. Não o foi. Temem-no. Julgam-no com força; arvoram-no como um simbolo. Julgam-no a combater e logo se encolhem. Ele sente que o seu inimigo de Pariz, o senhor João Chagas, se ergue, ouve dizer que se prepara para a lucta e ameaça; procura um apoio, mas foge do campo. A republica é isto. Nunca foi outra cousa e, no entanto, aguenta-se, porque os monarchicos teem visio contra eles a rua, essa rua que já não aclama, tambem, os tribunos do regimen.

Debalde descerão á briga os senhores Almeida e Chagas. Ambos já experimentaram as coleras dos adversarios; contra eles houve tentativas de assassinio. Outras surgirão; é isto o menos que lhes pode succeder sem que evitem a dissolução do país.

Sucedeu em Portugal uma inversão de poderes. Os nomes dos idolos esqueceram ou tornaram-se odiosos. Hoje ha só um chefe querido: o interesse. Ninguem combate por ideais; a desilusão chegou; o mais façanhudo carbonario não resiste a um conto de réis. Todos querem comer, todos querem enriquecer. A republica é a sua pastagem.

Que veem, pois, fazer á politica os velhos caudilhos? Naturalmente mergulharão na derradeira desilusão, se não mergulharem na sepultura.

Os azes agora, saem d'outros baralhos.

*Faites autre jeu, messieurs.*



# Resposta ao amigo da Moagem

Razões primaciaes — A obra nefasta de um bando — Dos estomagos ás consciencias — O espetaculo das riquezas mal adquiridas — Eis a explicação

Pergunta-me um dos amigos da Moagem qual a razão do meu combate a homens de iniciativa e de trabalho. Eu respondo aos termos delicados da carta onde me interroga sobre «o que me fez a moagem», esse cúmplice dos moageiros. E' que onde ha interesse falece o sentimento e a Moagem só de interesses vive. Logo não tem amigos mas socios, comanditarios, có-reus.

Uma vez no corredor da Opera, em Paris, o celebre director do *Figaro*, Vilmessant, quiz, a pedido do duque de Morny, irmão bastardo de Napoleão III, e, então presidente do conselho, obter de Rochefort um encontro com o politico, o qual escrevendo pecinhas, sob o pseudonimo de Saint Remy, desejava amaciar a pena do celebre panfletario. Foi com um movimento nervoso que despediu o jornalista, o qual lhe disparou a pergunta, agora parafraseada pelo amigo da Moagem.

— Mas que lhe fez o duque?

Num berro, aquele a quem Victor Hugo chamava «o garoto sublime» retorquiu:

— Fez-me o golpe de estado de 2 de dezembro.

Em relação a Moagem\* eu podia responder:

— Fez-me o pão caro! Fez-me saudades do pão da minha infancia. Prefiro, porem, dizer o que, na realidade, ela me fez:

— A dissolução da sociedade portugueza.

Entrevejo um sorriso nos labios dos que imaginam isto um exagero, um encolher de hombros irritado de quem me escreve, um ar pasmado dos fieis deste panfleto, mas eu vou destruir o sorriso, o encolhimento de hombros e o pasmo.

A Moagem, no tempo da monarchia, ganhava mas não ofendia. Os seus membros eram comerciantes como outros quaesquer espartilhados dentro duma convenção, duma formula. No fim do ano distribuiam uns dividendos e cada vez que era preciso aumentar o preço do pão eles pensavam muito porque o povo, nessa epoca, tinha as resoluções prontas e o protesto mais nobre.

O moageiro não tripudiava. Negociava sem alcavalar á doida. De repente, a sua industria tornou-se uma avertura. Viram-se homens do nada, habilidosos dos grandes golpes, instalarem-se nas companhias moageiras. Não tinham sequer o merito dum outro que enriqueceu mas andou de cabaz ás costas. Estes assaltaram, com a loquela ou com a manha, os accionistas e começaram a sua obra de dissolução. A primeira consistia em se mostrarem aos olhos dos que os tinham conhecido quasi famintos, metidos em pompas de milionarios. Tornaram-se seus os melhores palacios, os melhores automoveis, os melhores cavalos e carruagens. Etiquetaram as amantes como se fossem marcas de biscoitos. E' do moageiro, aquela! E os seus carros, os seus vestidos, as suas joias, as suas exhibições representam o dinheiro desbaratado e só o arremeça quem não tem trabalho em ganhá-lo: Os herdeiros do acaso, os jogadores e os ladrões.

Uma vez, no parlamento, o senhor Antonio Maria da Silva, então longe do poder, etiquetou-os tambem: eram «os das fortunas vertiginosas».

Essa vertigem corresponde á fase da dissolução inicial em que eles se dispuzeram a comprar tudo desde os moveis raros até ás consciencias. Influidos no mercado, geraram as operações das quaes havia de sair o seu grande negocio em detrimento dos seus acionistas; foram os da moagem os originantes da ganancia, os que tendo trepado da valeta ao automovel deslustraram todos os desgraçados, levaram muitas mocidades ambiciosas a querer imitá-los não vendo que eles recebiam do estado, aquilo que mais ninguem podia obter. Corrompiam, á custa do thesouro, os fiscaes, os deputados, até os ministros. Adquiriam jornaes e desde logo a sua acção se tornou mais malefica. Para o grande publico que pensa pela letra de imprensa passaram a ser illustres, sabios, dignos, sublimes, honrados aqueles a quem os moageiros davam o seu apoio. Os outros não tinham categoria; os que combatiam as explorações e a corrução entravam na classe dos revolucionarios, dos malvados ou dos falhados. A moagem não vê ser ela quem faz essas rebeldias atirando ás nossas inteligencias o seu luxo ganho com esperterias e com falsificações; não compreende ser ela a malvada que causa as greves; os tumultuosos dias da republica devem-se-lhe em grande parte e não é com os reclamos pomposos na imprensa que se criam reputações. O exagero prejudica. O publico pode ter sido ludibriado mas num momento acorda embora já envenado, pela acção deletéria de muitos anos de pão da moagem e de leitura da moagem. Depois dos estomagos as consciencias. O seu dinheiro é mal ganho, é fundido com as nossas amarguras, com as torturas dum povo inteiro e vem como um insecto dourado e zumbidor, entoxicar os cerebros á primeira picada, enlouquecê-los, matá-los.

A vida que eles — os da Moagem — fazem é um desafio aos que trabalham, a mim que durante muitas horas labuto, ao pedreiro que vejo a retocar a sua parede e vae daqui a pouco suicidar-se com o pão negro, a todos os que não movem essas maquinas infernaes de dissolução de sementes e de caracteres que formam o pão falsificado e as almas conturbadas.

A Moagem, por estes processos, corrompeu tudo, mas vae fazer peor. Dentro em pouco não haverá pão em Lisboa, em Portugal, senão pelo preço que ela quizer. Anunciam-se greves, para breve, visto o aumento desse genero. A Carris, os ferroviarios, os da construção civil, porventura todos os assalariados pedirão mais dinheiro diante da teima dos moageiros em não admitirem o tipo de pão unico a preço rasoav.l. Será um novo tumultuar; quem sabe, mesmo, se veremos mais alguma hecatombe. Os revolucionarios de hoje já não tem generosidade e o exemplo da plutocracia moageira excita-os, irrita-os. Para os conter é necessario autoridade e a corrupção, vinda dessa associação nefasta, alastrou. Talvez que um cauterio nos salve, mas perdendo os autores deste crime. Pois ainda, por este movimento perturbador que se avisinha, eu me encho de razão para responder ao amigo, ao cúmplice deles e que me interroga: O que me fez?

— A dissolução da sociedade portuguesa.

## O terror em Leiria

Os julgadores e os julgados — O que foram os crimes de 19 de outubro — Quem preparou a atmosfera — O sr. Alfredo da Silva e a "Imprensa da Manhã," — O que se espera do «Mensageiro»

Afirma um jornal de Leiria — o *Mensageiro* — que antes do 19 de outubro, «a cidade esteve para ser transformada num açougue igual ao do arsenal».

Aparte a expressão, a frase é deveras grave. O jornalista quiz referir-se a «patibulo», a lugar de morticínio e não á loja onde se vendem as rezes abatidas.

Declara tambem o articulista que: «os nomes dos que iam ser victimas citavam-se em altas vozes; se não foram executados deve-se a tudo, menos á acção dos que perverteram os sentimentos do bom povo português.»

Poderia chegar-se ao complemento com mais rapidez. Apontar e desde á quem eram os indicados para a chacina e tambem quem deviam ser os seus executores. Por aqui chegar-se-ia depressa a fazer a justiça que o republicano invocado pelo *Mensageiro* chama «dum tribunal monarchico» no qual estranha «vêr julgar republicanos»

São republicanos todos os reus. Se houvesse duvidas, esta afirmação bastaria para lhes dar categoria. Entre eles ha militares e todos os que estão actualmente ao serviço, são elementos da republica. Os outros ou foram demitidos ou reformados. Logo não ha nenhum monarchico metido nessa tentativa brutal contra o sr. Alfredo da Silva. Todos republicanos.

Emquanto aos juizes eles são militares tambem e no exercito — repetimo-lo — não ficou nenhum official realista.

Os que existiam ou se acomodaram para não perderam o pão ou armaram-se de mais sanha contra os camaradas rebeldes, do que propriamente a usada pelos republicanos historicos, os quais não carecem de agradar a ninguem nem crear titulos á gratidão do regimen, dessa cousa abstrata que para aí se arrasta. Estão, por consequencia, frente a frente reus e juizes republicanos. Não ha motivos para alarmes. Não se sabe ainda o que vai sair desse tribunal. Aquietem-se. O caso que temos a tratar, diante das palavras do jornal leiriense, é muito mais grave.

«Os que alvejaram a tiro, esfaquearam, pisaram e roubaram o

sr. Alfredo da Silva — assegura o periodico — *confiavam na impunidade!* Agora gritem, os que prepararam esta aura de terror, que os correligionarios estão a ser julgados por um tribunal monarchico.

O Mensageiro deve saber muitas cousas que nós ignoramos, possui um testemunho valioso o qual seria de enorme vantagem nessa barra republicana, repito, onde os agressores do grande industrial estão respondendo.

Agora, pergunto eu, e comigo todos os interessados neste final da maior das tragedias politicas nacionais: Quem seriam «os que prepararam esta aura de terror»?

Os chefes revolucionarios, os officiaes, os que não mantiveram a ordem, todos da reunião da rua de Santa Martha? Foram esses? Mas aí estão absolvidos por um tribunal tão republicano como o que actualmente julga os agitadores de Leiria. Não ha razão para alarmes.

São culpados da atmosfera de terror aqueles superiores que não defenderam os seus camaradas atacados pelos soldados e marujos? Mas aí estão absolvidos e a parte de um conselho de guerra vir confirmar a pena ao mais graduado desses militares que confessou ter-se escondido diante dos tiros, por conselho de um marinheiro.

Condenados só vi, até agora, os executores, aqueles cujas culpas não oferecem duvidas, os que não podem lavar das mãos e das fardas o sangue derramado. Ha, talvez, no meio deles um inocente — o Palmela Arrebenta — mas tambem recebeu a sentença. O misterio continua a planar.

Trabalharam por sua conta estes carrascos? Não tiveram a impulsão senão a fraqueza dos seus superiores? Saiu das suas cabeças essa idea terrivel de assassinar gente honrada e deixar com vida tantos miseraveis? Repito. Não sei. Só a eles vejo condenados e o seu silencio acerca da ação dos chefes é singularissimo em quem carece defender-se.

Chega, porem, o Mensageiro e com as suas revelações ácerca dos nomes dos que estavam para ser vítimas, abre uma curiosidade nova nesse processo extranho.

Quem eram os indicados para a chacinha? Quem eram os chacinadores?

Eis o que se torna indispensavel apurar. Por aqui talvez se chegue ao planos do *comité* revolucionario, talvez se descubra quem transmitiu as ordens, se areje este subterraneo onde se asfixia, se dê claridade ao sepulcro onde toda a nação apodrece.

A's vezes uma vaga indicação conduz longe. O que saberá, na realidade, esse jornal leiriense?

A tentativa de assassinio contra o senhor Alfredo da Silva, apesar de terrivel, é vulgar, comparada com as barbaridades inflingidas aos officiaes pelos seus inferiores. Parece, porem, que ele tambem estava indicado nas listas dos revolucionarios embora só o acaso fizesse com que o apanhassem.

Aqui adensa-se mais a escuridão. Toda a gente sabe qual o jornal onde se fez a atmosfera revolucionaria, aquele cujos redactores, uns acompanharam os assassinos, outros os receberam e não lhes publicaram os nomes — apesar do seu proprio pedido, como a cobri-los; — todo o país decorou que esse jornal era a *Imprensa da Manhã*. Dali partia a excitação e a colera contra o gabinete Granjo; dali se faziam incitamentos extranhos. E sabem quem era senão alma, ao menos, o nervo desse jornal? Aquele contra quem se amotinaram em Leiria os revolucionarios. Era o dinheiro do senhor Alfredo da Silva que sustentava essa gazeta.

Cáe-se no novo misterio. Sustentava quem não o informava? Ignorava o que se ia passar? Parece que sim. Mas pergunto eu mais uma vez e ao *Mensageiro* cabe responder:

— Quem preparou a aura do terror? Das suas revelações é que depende a justiça, não a do tribunal republicano, que só condena marujos e soldados, mas a outra, a que algum dia, tarde ou cedo, se fará em nome da nação.

# O largo braço do assassino de Sidonio

Em volta duma notícia tragica — O Terreiro do Paço logar de crimes — Que é feito do assassino de Sidonio Pais? — A Impunidade Incitadora — A onda de sangue

O senhor Antonio Maria da Silva, que deixa andar á solta o assassino de Sidonio Pais, ia sendo vitima dum atentado, isto segundo afirma a sua policia, proximo do local onde el-rei D. Carlos e o principe real receberam a morte por mãos republicanas.

Ha quem duvide da autenticidade da conjura contra o presidente do conselho, quem a filie na mesma casta do *complot* da Praia das Maçãs contra o senhor Afonso Costa, como se todos os guindados ao poder sem talento e sem qualidades de estadistas carecessem destes réclamos á semelhança dos novos ricos que exibem automoveis ou dos cidadãos da grei demagogica encabidados de comendas. Eu não duvido de que tentassem contra o senhor Silva. Ele é muito odiado e na sociedade portugueza leveda o sangue sobre que o regimen assentou. Ha uma fermentação de crime nascida da glorificação dos criminosos. Já o disse outro dia e repito. Tenho ao alcance da minha mão fotografias de ignobeis venias de republicanos categorizados deixando os seus ramos e os seus cartões sobre a campa dos regicidas. Tenho, na minha frente, jornais, onde se conta como se festejou com banquetes a morte de Sidonio Pais. O delirio entre os revolucionarios foi enorme, em 1 de fevereiro, foi loucura em 14 de dezembro. A morte de D. Carlos creára a esperança na vitória republicana; a de Sidonio, a do regresso do partido democratico ao governo. O senhor Antonio Maria da Silva — que quando da conspiração de 28 de janeiro foi tido por espião monarchico, o que era falso, entre os seus correligionarios do comité — tornou-se, após a deserção de Afonso, o simbolo do partido dos crimes e das delapidações. Não podia ressuscitar Buiça e Costa, anima-los no seu sepulcro para a glorificação dalguma direção geral mas rejubilou com a fuga do matador de Sidonio Pais. A quietação em que o deixou era o seu bilhete de visita; a sua justa palavra amiga. A liberdade que lhe concede é a prova da sua complacencia; é um sinal de que aprova o crime cometido.

Pode o presidente do conselho alegar que desconhece os sitios onde o criminoso se esconde. Pergunte-o aos seus correligionarios do Minho, ás autoridades que o subsidiam, aos bandidos que o protegem. Indiquei-lhe esses nomes num numero deste panfleto. José Julio da Costa continua á solta. Não pode haver duvidas de que o chefe do governo lhe garante a liberdade. Proceder assim num caso semelhante; salvar assassinos, ter ás suas ordens a policia e consentir que um scelerado, o matador dum chefe de estado, ande á solta é mais do que contemporisar com o crime — é adoptá-lo.

O senhor Antonio Maria da Silva adotou o gesto contra Sidonio Paes, achou tanto um acto de justiça essa execução miseravel que consente na vileza de se celebrar o bandido, de se lhe dar impunidade. Quem transige com actos destes, galardôa-os, afixa-os, premeia-os. O senhor Antonio Maria da Silva, não cumprindo o seu dever de mandar enclausurar, quem é reu, incita a novos atentados. Ninguem lho diz; parece que toda a gente esqueceu já que ha um governo no Terreiro do Paço e um miseravel em liberdade protegido pelos amigos desse governo. O que o dirigente do ministerio produz com o seu acto é o sentimento de que assassinar um politico, com o qual não se concorda, é acto tão meritorio que merece louvores. Ou se castiga ou se é cúmplice. José Julio da Costa foi exalçado; o governo deixa-o em paz. E' como se o senhor chefe da antiga Carbonaria lhe mandasse um bilhete de felicitações.

Assegurada por modo tão claro e tão firme, tão publica e tão sabida a liberdade de quem matou, impõem-se nos espiritos a certeza de que se pode matar á vontade. Se o José Julio passeia e é sustentado pelos democraticos é signal de que o partido o ama. Não se tentou cousa alguma contra ele desde que um dia ameaçou. Refastela-se, gosa, bebe, come, é um assassino official a mostrar-se diante da gente de bem. E' um factor de assassinios; é um impulsador, é um exemplo famoso, é um incitamento vivo.

O presidente do conselho aplaude-o deixando-o em paz. Quando assim procede na sua intelligencia, no seu criterio, no seu discernimento não vê que arma os braços, que gera as vontades de matar, que, cria impunidades, abre appetites de celebridade e de goso. Não vê nada. Soube-lhe bem a morte do rei, naquele logar que atravessa sem se affligir, antes pensando ter sido ali o começo da sua fortuna politica. Ao evocar Sidonio vivo—o que constituia a sua desventura longe do mando—sofre; ao relembra-lo morto, é a sua subida que recorda e sem aqueles braços criminosos, ele, Antonio Maria da Silva, seria um engenheiro banal a quinhentos mil reis por mês ou, quando muito, um administrador do concelho nalguma terra distante.

Não vê senão isto. Ignora o que está fazendo na materia de incitamento. Para todos os efeitos ele é o protector dum assassinio ao qual deveu a sua situação. Então, à sua volta, ante o seu procedimento, os criminosos surgem. Pois se ele é o primeiro a conceder garantias a quem mata os assassinos sentem ter muito que esperar dos outros presidentes de conselho ou áqueles a quem aproveite o seu fim.

Matar é uma infamia. Eu condeno a ausencia da pena de morte legal num país onde os crimes se sucedem mas, metido na minha repugnancia pela cilada, condeno tambem todas as esperas malditas, cobardes, traiçoeiras. O senhor Antonio Maria da Silva é capaz de exteriorisar esta opinião agora, continuando a deixar em paz o matador de Sidonio, espanta-se que o ataquem a ele, presidente do governo, a dois passos do logar onde os regicidas—tão festejados em seus tumulos, desde ha 15 anos—chacinaram o rei.

José Julio da Costa, em liberdade, e como o braço largo e terrivel do destino a desfechar a sua arma contra quem confere ao seu crime direitos de cidadão. Os que atentam contra o chefe do governo são os herdeiros desse gesto maldito e impune. Eis tudo . . .



